

PONTIFÍCIO ATENEO SANTO ANSELMO

Faculdade de Teologia

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

O Livro de Jó: uma denúncia à Teologia da Retribuição

**AGOSTINHO Odássio
AGUNG Ferdinandus
ECHESA Bravin
HEDYANTO Adwansius
MBANZI Vicent
RODRIGUES Gabriel
RODRIGUES Wilmar Adriel Wolff**

Literatura Sapiencial

Prof: Dr. Pe. Shigeyuki Nakanose, SVD

São Paulo 2026

1. Introdução

O livro de Jó é uma das obras mais significativas da literatura sapiencial bíblica. Por meio de uma narrativa que combina prosa e poesia, coloca diante do leitor a experiência de uma pessoa justa que enfrenta sofrimento, perda e dor, ao mesmo tempo em que questiona as explicações religiosas apresentadas para justificar sua situação. O livro aborda temas como o sofrimento humano, a justiça, o bem e o mal, a relação entre Deus e o ser humano e, de modo especial, a teologia da retribuição, segundo a qual a prosperidade seria resultado do seguimento e fidelidade à lei; e o sofrimento, consequência de uma culpa pessoal. A própria situação de Jó, entretanto, coloca essa concepção em crise, pois ele é apresentado desde o início como um homem íntegro e reto (cf. Jó 1,1.8), embora passe por perdas e sofrimentos que não podem ser explicados por uma falta moral proporcional. Nesse sentido, o livro de Jó não procura simplesmente oferecer uma explicação para o sofrimento, mas questiona respostas religiosas que transformam a dor do inocente em prova de sua culpa. A experiência de Jó permanece atual porque a pergunta sobre o sofrimento aparentemente injustificável continua presente na vida de muitas pessoas; por isso, sua leitura conduz a uma reflexão sobre a justiça, a fé e os limites da compreensão humana diante do mistério de Deus.

2. Contexto

O constructo do livro de Jó questiona a concepção tradicional segundo a qual o sofrimento seria necessariamente consequência de uma culpa pessoal, enquanto a prosperidade constituiria recompensa pela prática da lei. Essa concepção aparece de modo muito claro na discussão entre Jó e seus amigos, que procuram explicar sua situação afirmando, de diferentes maneiras, que o sofrimento somente poderia ser consequência de algum pecado. Jó, porém, rejeita essa explicação e insiste em sua integridade (cf. Jó 4,7-8; 8,3-7; 11,13-15; 13,18; 27,5-6). É nesse ponto que a literatura sapiencial pode ser compreendida como

uma voz crítica dentro da própria tradição de Israel: ela não abandona a fé em Javé, mas coloca em discussão uma determinada concepção de Deus e da justiça. Pode-se perceber uma diferença entre uma concepção de Javé associada à ordem religiosa oficial da teocracia e uma reflexão sapiencial que, diante da experiência concreta dos inocentes e injustiçados, questiona as explicações religiosas que legitimam seu sofrimento.

Essa tensão aparece especialmente em Jó 24,1-17, perícopo na qual o texto descreve a situação dos pobres e dos injustiçados e mostra que os perversos podem permanecer impunes, enquanto os inocentes sofrem. O capítulo 24, portanto, é importante para perceber que a crítica do livro não se limita a um problema individual, mas alcança também a realidade social e religiosa no período dos projetos de Esdras e Neemias, durante o período persa, quando Judá enfrentava forte exploração socioeconômica. Desse modo, a crítica à teologia da retribuição deve ser entendida dentro de uma questão mais ampla: que imagem de Deus é apresentada quando se afirma que o pobre sofre porque pecou e que o rico prospera porque foi justo? O livro de Jó leva essa pergunta até suas últimas consequências, pois, no final, Deus não confirma a interpretação dos amigos. Pelo contrário, em Jó 42,7-8, o próprio Deus reprova o discurso deles e reconhece Jó como aquele que falou corretamente sobre ele.

3. A mensagem do livro de Jó: crítica à teologia da retribuição

A mensagem principal do livro de Jó pode ser concentrada na crítica à teologia da retribuição. O problema central não é simplesmente saber por que Jó sofre, mas questionar a ideia de que todo sofrimento seja consequência direta do pecado e de que toda prosperidade seja recompensa automática da vivência da lei. O prólogo apresenta Jó como íntegro e justo (cf. Jó 1,1.8), enquanto o narrador afirma, depois de suas primeiras perdas, que “Jó não pecou nem protestou contra Deus” (Jó 1,22); depois da segunda provação, afirma novamente que ele não pecou com seus lábios (cf. Jó 2,10). Assim, a própria narrativa desmonta a explicação segundo a qual sua dor seria simplesmente resultado de uma culpa.

Essa crítica se torna mais explícita nos diálogos com os amigos Elifaz, Bildad e Sofar, os quais tentam enquadrar a experiência de Jó na lógica tradicional da retribuição, relacionando sofrimento e culpa (cf. Jó 4,7-8; 8,20; 11,13-15), enquanto Jó insiste que sua situação não pode ser explicada dessa maneira e chega a defender sua inocência diante de Deus (cf. Jó 13,18-23; 27,2-6).

O conflito entre eles, portanto, é também um conflito entre duas formas de compreender a justiça divina: de um lado, a tentativa de explicar tudo por uma relação imediata entre pecado e sofrimento; de outro, a experiência concreta daquele que sofre sem encontrar uma culpa proporcional. Jó 24,1-17 amplia ainda mais essa crítica, pois apresenta situações em que os pobres são explorados e os perversos parecem agir impunemente, mostrando que a realidade não confirma uma distribuição automática de prêmio e castigo. Por isso, a literatura sapiencial não aceita respostas simplificadoras para o sofrimento e questiona uma concepção de Javé que poderia e foi utilizada para justificar a ordem social e religiosa existente no período da teocracia. O livro conduz, assim, a uma compreensão mais profunda de Deus, na qual o sofrimento do inocente não pode ser transformado em prova de sua culpa.

A resposta de Deus nos capítulos 38–41 é decisiva para essa mensagem, porque Javé não explica o sofrimento de Jó de acordo com a lógica defendida pelos amigos, mas apresenta a grandeza, a complexidade e a ordem da criação (cf. Jó 38,1–41,26). Jó, ao final, reconhece os limites de sua compreensão e afirma “Eu te conhecia só de ouvido. Mas agora meus olhos te veem” (Jó 42,5). A confirmação final dessa crítica aparece em Jó 42,7-8, quando Deus reprova os amigos por não terem falado corretamente sobre ele, enquanto Jó é aquele que deverá interceder por eles. Dessa forma, a principal mensagem do livro é que não se pode reduzir a justiça de Deus a uma simples lógica de retribuição, nem transformar o sofrimento do inocente em justificação religiosa de sua culpa.

4. Redação do livro de Jó

A composição do livro de Jó apresenta diferentes blocos literários, e a própria organização do texto permite perceber camadas de redação que foram reunidas em uma obra única. O prólogo de Jó 1,1–2,13 e o epílogo de Jó 42,7-17, por exemplo, são escritos em prosa e formam uma espécie de moldura narrativa, enquanto a grande parte central é composta por poemas e discursos. O prólogo (Jó 1,1–2,13) apresenta a situação inicial de Jó, as duas provações e a chegada dos amigos, estabelecendo desde o começo a questão fundamental: Jó é justo, mas sofre. Jó 1,1-5 apresenta sua integridade, sua riqueza e sua vida familiar; Jó 1,6-22 narra a primeira provação e termina afirmando que ele não pecou; e Jó 2,1-10 apresenta a segunda provação, novamente concluída com a afirmação de que Jó não pecou. Já Jó 2,11-13 introduz os amigos e prepara a passagem para a grande seção poética. Trata-se da camada redacional mais antiga, estruturada a partir de um conto folclórico. Mesmo sendo a parte mais antiga, percebe-se uma alteração, ou seja, a denominação “satã”, sendo essa colocada posteriormente, uma vez que, durante o período monolátrico, tanto as bênçãos, quanto as desgraças eram atribuídas a Javé como Causa única.

A partir de Jó 3, inicia-se o grande bloco poético dos diálogos, ou ainda, a segunda camada de redação. Jó 3,1-26 apresenta seu primeiro lamento, e os capítulos 4–27 desenvolvem os ciclos de discursos entre Jó e seus três amigos, nos quais aparece de forma mais evidente o conflito em torno da teologia da retribuição. Os capítulos 4–14, 15–21 e 22–27 formam os três ciclos de diálogo, e as perícopes permitem acompanhar progressivamente o confronto entre a interpretação dos amigos e a defesa da inocência de Jó. Jó 28,1-28 aparece como um interlúdio sobre a sabedoria e reforça a ideia de que a verdadeira sabedoria ultrapassa a capacidade humana de compreender.

Outro bloco é formado pelo longo monólogo de Jó em Jó 29–31, no qual ele recorda sua condição anterior, descreve sua situação presente e reafirma sua inocência. Em seguida, em uma quarta camada, Jó 32–37 apresenta a intervenção de Eliú, um quarto personagem que não participava dos três primeiros

ciclos de diálogo. A presença de Eliú, inserida entre os discursos de Jó e a resposta de Javé, constitui mais um elemento que permite perceber a composição em diferentes blocos literários, ainda que o texto atual os apresente dentro de uma unidade narrativa. Finalmente, Jó 38,1–42,6 apresenta os discursos de Javé e as respostas de Jó. Em Jó 38–40,2, Javé questiona Jó a partir da criação; em Jó 40,3-5, Jó responde; depois, em Jó 40,6–41,26, Javé retoma seu discurso; e, em Jó 42,1-6, Jó apresenta sua resposta final. O epílogo, em Jó 42,7-17, volta à prosa e retoma a situação de Jó, apresentando a reprovação dos amigos, a intercessão de Jó e sua restauração. Assim, as diferentes perícopes permitem reconhecer camadas e formas literárias distintas que foram articuladas na redação final do livro.

A redação principal é situada entre os séculos V e IV a.C., durante o período persa, em um ambiente de exploração socioeconômica de Judá. A crítica de Jó 24,1-17 é especialmente significativa nesse contexto, porque coloca em evidência a realidade dos pobres e a impunidade dos perversos. Desse modo, a composição do livro não deve ser separada de sua preocupação com o sofrimento dos inocentes e com a crítica a uma teologia que poderia justificar as desigualdades, pois a obra questiona tanto a explicação religiosa do sofrimento quanto a imagem de Deus que sustenta essa explicação.

5. Estrutura

O livro de Jó pode ser organizado em cinco grandes partes; as suas duas grandes portas, de entrada e saída, foram acrescentadas pela tradição sacerdotal, para amenizar a crítica apresentada no livro. Segue a estrutura:

PORTA DE ENTRADA 1, 1-2,10 NARRATIVA EM PROSA	APRESENTAÇÃO DOS AMIGOS 2, 11-13 PROSA	CORPO PRINCIPAL DO LIVRO 3, 1-42, 6 POESIA ESCRITA EM VERSOS	REPREENSÃO AOS AMIGOS 42, 7-9 PROSA	PORTA DE SAÍDA 42, 12-17 NARRATIVA EM PROSA
---	---	--	--	---

Referências

Nova Bíblia Pastoral, edd. P. Bazaglia-A.C Frizzo-D. Scardelai *et al.*, Paulus, São Paulo 2014.

TERRIEN, Samuel. *Jó*, Paulus, São Paulo 1994.

TERNAY, Henri de. *O Livro de Jó: da provação à conversão, um longo processo*, Vozes, Petrópolis: 2001.

DIETRICH, Luiz José. *O Grito de Jó*. São Paulo: Paulinas, 1996.